

Jessica Bird

IRRESISTÍVEL

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

1

A MULHER CHEGOU-LHE das sombras e reconheceu-a pelo tom avermelhado do cabelo. Avançava na direção dele, devagar, com determinação, e soltou o ar que retivera, contente. Queria perguntar-lhe onde estivera porque sentira saudades.

Mas quanto mais perto ela se encontrava, menos lhe apetecia falar.

Quando estacou à sua frente, estendeu o braço e passou-lhe um dedo pela face. Era dolorosamente bela, sobretudo os olhos, de um azul espetacular, uma tonalidade que complementava na perfeição as ondas cor de cobre que lhe caíam sobre os ombros. Desejava-a. Não, *precisava* dela.

O sorriso da mulher intensificou-se, como se soubesse o que ele pensava, e inclinou a cabeça para trás. Fitou-lhe a boca erguida, os lábios entreabertos, e uma onda de urgência percorreu-lhe o corpo. Cedeu ao desejo, pousou-lhe as mãos nos ombros e puxou-a para si, aceitando o que ela oferecia antes que desaparecesse de novo.

Ao dobrar-se, sentiu expectativa e algo mais, qualquer coisa que lhe pôs o coração a martelar com mais do que apenas sensualidade.

Os olhos de Jack Walker abriram-se de supetão. Preso no desejo escaldante do seu corpo, não tinha a certeza se estava

mesmo acordado. Ou onde diabo se encontrava. Sabia que a cama não era a sua, mas não muito mais.

Olhou em volta para as formas escuras no quarto. Após algumas inspirações profundas, as formas fizeram sentido. Encontrava-se no Hotel Plaza em Nova Iorque, na suíte que reservava sempre que vinha à cidade.

E a mulher que ainda desejava com tanta intensidade que doía desaparecera sem deixar rasto. Outra vez.

Frustrado, levantou os olhos para o teto ornamentado. Não dormira bem nas últimas duas noites e necessitava de um descanso ininterrupto. Para começar, não era paciente e a falta de sono não estava a aproximá-lo muito do território de Madre Teresa.

O sonho andava a enlouquecê-lo.

Era sempre a mesma coisa. Quando estava prestes a beijá-la, mesmo antes de ficar a saber qual seria a sensação de tocar na boca dela, despertava encharcado em suor e com um humor atroz.

Jack passou uma mão pelo cabelo. À falta de um alvo adequado para a sua frustração, direcionou a sua raiva para as trevas.

Só vira aquela mulher uma vez e não pensara que lhe tivesse causado uma impressão tão forte.

Agitado, debateu-se para se libertar dos lençóis que se enrodilhavam em volta do corpo nu. Encaminhou-se para uma fila de janelas e espreitou lá para fora. A vista era característica de Nova Iorque. Arranha-céus erguendo-se para o firmamento, faróis traseiros a faiscar num labirinto de asfalto lá em baixo. A noite já ia avançada, mas a cidade ainda bulia.

Viera de Boston há alguns dias para se encontrar com um colega da faculdade, que era agora um consultor político importante, e comprar um quadro que pertencera outrora à família. Contrair uma obsessão sexual subconsciente não constara de certeza do seu roteiro.

Mas pelo menos o encontro correria bem. E conseguira o quadro.

Na noite anterior, licitara com sucesso na gala sumptuosa da Fundação Hall. O quadro era de John Singleton Copley, um retrato magistral de Nathaniel Walker, um herói da Guerra da Independência e um dos antepassados mais eminentes de Jack. Pagara quase cinco milhões de dólares por ele, mas teria até oferecido mais. O quadro nunca devia ter saído da família e Jack era o único que podia dar-se ao luxo de o recuperar.

O que teria constituído uma surpresa para qualquer pessoa, à exceção dos seus parentes mais chegados.

Desde o dia em que o pai fora discretamente à falência, Jack andava a investir o seu dinheiro, ganho com muito esforço, para proteger e fortalecer o legado da família. Para ser mantido nos seus elevados padrões, o imponente património e estilo de vida luxuoso dos Walker exigia tremendos e incessantes rios de dinheiro. Contudo, na herança genética da família existia uma escassez de trabalhadores e uma superabundância de gastadores. Jack encontrava-se na lista reduzida dos primeiros.

A deficiente gestão dos bens por parte do pai e a realidade financeira da manutenção do parque temático Walker tinham ajudado a assegurar que não se transformara noutro inútil jovem de sangue azul. Assim, era um sacana competitivo e implacável com reputação de vencer a qualquer custo. Fora uma evolução que o pai, Nathaniel James Walker VI, nunca aprovara, mas as convicções e escolhas do homem tinham sido em geral fracas na opinião de Jack. Nathaniel Sexto, como ficara conhecido, era o epítome do filantropo da velha guarda. Pensava que só havia uma coisa correta a fazer com o dinheiro: dá-lo. Um cavalheiro não manchava as mãos com o negócio sujo de produzir capital.

O pai tivera a prerrogativa de ver a vida dessa maneira e, em consequência, fora muito aplaudido por universidades, bibliotecas e museus, afortunados beneficiários da sua generosidade.

Infelizmente, toda aquela filantropia também o levava à falência quando Jack tinha vinte e cinco anos. O quadro fora uma das primeiras coisas a ser vendida para manter a farsa da riqueza incomensurável.

Embora Nathaniel Sexto tivesse morrido há quase cinco anos, Jack podia imaginar com clareza o conflito interno que o pai sentiria com o regresso do primeiro Nathaniel. O quadro do patriarca estava outra vez na família, mas graças apenas às mãos sujas de Jack.

Preso por ter cão e preso por não ter, pensou, estreitando os lábios.

Jack libertou-se dos pensamentos relacionados com o passado e considerou que não deveria estar tão satisfeito consigo próprio. Conseguira o quadro, era certo, mas também o raio do sonho.

Antes do leilão, Jack dirigira-se à Fundação Hall para verificar se o quadro estava em razoável estado de conservação. Efetivamente, pudera constatar o facto, mas entretanto conhecera a conservadora e restauradora de arte que o mantinha acordado de noite desde esse dia.

Vira-a pela primeira vez quando ela saía de um gabinete. Virara-se, o cabelo de um ruivo-escuro a oscilar sobre os ombros, e os seus olhares tinham-se cruzado. Ficara interessado, como qualquer homem ficaria, mas não propriamente embasbacado com os seus encantos.

Grace Woodward Hall, presidente da fundação e sua velha amiga, apresentara-os. A mulher, Callie Burke, era conservadora de arte e, por capricho, convidara-a para os acompanhar na observação do quadro. Em frente da tela, ficara impressionado com o comentário aprofundado que ela tecera sobre o estado do quadro bem como a avaliação do que precisava ser feito para o conservar de forma adequada. Gostara também da forma como ela olhara para o quadro. Os olhos tinham-se colado ao rosto do seu antepassado como se estivesse absolutamente extasiada. No entanto, quando lhe perguntara

se gostaria de restaurar a obra, não parecera interessada e tinham-se despedido ali mesmo. Pelo menos, até a sua cabeça cair na almofada nessa noite.

Ao princípio, rira-se do sonho, satisfeito por perceber que, aos trinta e oito anos, o seu instinto sexual se mantinha tão elevado como sempre fora. Contudo, a cada noite que passava, perdia mais um pouco do seu sentido de humor. Decidira que a única contrapartida era o facto de nunca mais se irem encontrar e que, por isso, acabaria por a esquecer.

Mas então, na noite anterior, após a licitação no leilão, a sua amiga Grace mencionara outra vez a mulher. Grace insistira para que contratasse Callie Burke, quase lho pedindo como um favor pessoal. Era evidente que ela tinha a certeza que Mrs. Burke conseguiria dar conta do recado e incitara-o a estudar o currículo da conservadora de arte para perceber como era talentosa. No fim da noite, Jack concordara em alinhar, embora continuasse a não fazer ideia nenhuma por que razão o caso era tão importante para a amiga.

Contemplou a cidade e pensou que iria confirmar o currículo da conservadora de arte no dia seguinte e depois iria ter com ela e voltaria a convidá-la. Não era muito dado a oferecer segundas oportunidades às pessoas, mas talvez fosse uma boa altura para experimentar. Tinha de admitir que ficara bastante sensibilizado com o apoio fervoroso que Grace dispensara a Mrs. Burke.

E os sonhos? Não se ia preocupar com eles. Raios, nem sequer gostava de ruivas.

– Jack?

Virou-se para a cama e fitou a forma escura de Blair Stanford. A sua noiva.

– Desculpa ter-te acordado – pediu quando ela se soergueu nos cotovelos.

– Estás bem?

– Sim, tudo bem.

Blair estendeu a mão para ele.

– Volta para a cama.

Jack deslizou por entre os lençóis e sentiu Blair passar-lhe os braços em volta.

– Estás tenso – observou com suavidade, acariciando-lhe o peito.

Entrelaçou os dedos nos dela.

– Dorme.

– Passa-se alguma coisa? – murmurou Blair. – Tens andado às voltas de noite nestes últimos dias.

– Nada com que te devas preocupar.

Afagou-lhe o antebraço, tentando tranquilizá-la, mas ela soergueu a cabeça apoiando-a na mão.

– Jack, conhecemo-nos demasiado bem para termos segredos.

– É verdade. Mas quem diz que estou a esconder alguma coisa?

Sorriu, observando-lhe o cabelo curto e loiro a espetar-se em ângulos retos. Estendeu o braço e alisou as madeixas, a pensar que Blair não teria tolerado aquele tipo de desalinho se soubesse que tinha o cabelo despenteado. Mesmo a meio da noite.

Blair fitou-lhe o rosto durante muito tempo.

– Estás a reconsiderar o nosso noivado?

– Porque dizes isso?

Ela hesitou.

– Fiquei muito surpreendida quando me pediste em casamento e, desde então, não conversámos mais sobre o assunto.

– Temos andado ambos ocupados. Isso não quer dizer que tenha dúvidas.

O que Jack queria na realidade dizer era que, por aquela altura, Blair já deveria saber que ele «não tinha dúvidas». Tendo tomado a decisão de que era tempo de se casar, e tendo encontrado uma mulher que queria para esposa, tinha tudo bem planeado.

– É que... – Blair encolheu os ombros. – Nunca pensei que déssemos este passo. Estou sempre a pensar quando vou acordar do sonho.

Jack tocou-lhe no ombro, sentindo a tensão dela.

– De onde vem toda essa ansiedade?

– Nunca pensei que fosses o tipo de homem que assentasse. Houve uma série de mulheres antes de mim.

– Ora, sabes que as histórias sobre a minha vida amorosa estão muito exageradas.

– Talvez assim seja, mas havia muito por onde pegar. E não é só a questão das mulheres. És um viajante.

Jack riu-se e pensou no irmão gémeo.

– Nate é que é. Já deu a volta ao mundo quantas vezes? Quatro, será?

– Não é isso que quero dizer, sabes muito bem. Sempre foste irrequieto.

Ele pensou na estranha mistura de sangue que lhe corria nas veias, o ADN combinado de aristocracia anglo-saxónica protestante e de pescadores portugueses. Era provável que Blair tivesse razão, embora nunca houvesse pensado no assunto antes. Na verdade, possuía a necessidade de liberdade de um marinheiro, tal como o irmão, mas moderara o impulso com a sua vigorosa força de vontade e uma dose saudável de avareza.

– Bem, irrequieto ou não, vou ficar contigo – declarou.

Ouviu-a suspirar no escuro.

– Só quero que tenhas a certeza.

– Sabes o que sinto por ti.

– Não me amas, Jack.

As palavras serenas atingiram-no com força. Abriu a boca, sem saber o que ia dizer, mas ela pousou-lhe um dedo esguio sobre os lábios.

– Não faz mal – sussurrou. – Sempre soube.

Jack agarrou-lhe a mão e beijou-a, desejando poder dizer-lhe o contrário. Havia tantas coisas nela de que ele gostava e

respeitava. Blair era um sucesso empresarial por direito próprio e dirigia uma próspera empresa de decoração de interiores. Tinha um estilo e elegância fantásticos. E era carinhosa e compreensiva, duas coisas em que teria de se apoiar nos próximos doze meses. Era muito provável que se candidatasse a governador do estado de Massachusetts e sabia que Blair lidaria com o stresse da sua candidatura com a mesma autoconfiança calma com que lidava com tudo.

Tinha-a em grande conta. Apreciava tê-la na sua vida. O facto de não a amar era a única coisa que faltava, mas não a considerava um problema. Esse tipo particular de paixão não era uma coisa de que fosse capaz. Por nenhuma mulher.

– Então talvez a questão seja mais... porque vais casar comigo? – perguntou.

– Porque te amo e creio que formamos uma boa equipa.

– Somos uma equipa fantástica.

– Então diz-me. O que se passa?

Jack abanou a cabeça, decidido, não ia contar-lhe que andava a sonhar com outra mulher.

– Blair, acredita. Não se passa nada com que precisas de te preocupar.

– Está bem, está bem.

Passou-lhe uma mão tranquilizadora pelo ombro; era uma coisa que fazia com frequência. Tinha uma forma de lidar com ele que lhe agradava. Calmante, mas não paternalista.

– Mas espero que acabes por me contar. Prefiro saber as más notícias mais cedo, não mais tarde.

Deitou-se e, pouco a pouco, foi-se descontraindo colada a ele, a respiração cada vez mais profunda e regular.

Jack fitou o teto enquanto ela dormia nos seus braços. Quando fechou por fim os olhos, visões da ruiva surgiram-lhe na mente.

Era apenas um sonho, disse consigo próprio. As imagens, as sensações, tinham mais a ver com a sua libido do

que com uma mulher com quem falara durante quê? Dez minutos?

Além disso, sempre preferira loiras e tinha uma amorosa e maravilhosa ali mesmo nos seus braços. Era um homem com um plano definido e nada iria alterar o curso da sua vida.

2

CALLIE BURKE saiu para o vento fresco de outubro e levantou a gola ao sentir o arranhar áspero no pescoço. O velho casaco de lã era a sua proteção contra os invernos ventosos e frios de Nova Iorque há anos, mais uma coisa na sua vida que precisava de substituir, mas não tinha dinheiro para isso.

Lançou uma olhadela à galeria de arte onde trabalhara nos últimos dezoito meses e enfiou as mãos dentro dos bolsos, apalpando o cheque do último salário através das luvas de lã. Stanley, o seu patrão, o seu *antigo* patrão, não queria dispensá-la. No entanto, o negócio estava um bocado parado por causa da crise económica e não tivera outra opção. As pessoas já não compravam como nos anos do *boom* da internet e a realidade financeira tinha de prevalecer sobre toda aquela questão interpessoal.

Bem podia tê-la avisado mais cedo. Ainda naquela manhã entrara na galeria presumindo que o seu emprego estava garantido.

Dando um passo em frente, juntou-se ao fluxo rápido e deprimente dos peões.

Fora bom trabalhar na galeria. Dava-lhe com que viver, embora modestamente, e mantinha-a na esfera da arte, mesmo que não estivesse a executar projetos de conservação ou restauro.

Além disso, ficava na zona Chelsea de Manhattan, a apenas alguns quarteirões do seu apartamento.

E gostara de Stanley, apesar das suas cenas dramáticas e da sua relação de codependência com *Ralph*, o seu *poodle* minúsculo, que cabia numa chávena de chá. Não simpatizara assim tanto com *Ralphie*. Dois quilos de mau comportamento, apoiados por um ladrar que conseguia estilhaçar vidro não eram muito agradáveis, dissesse Stanley o que dissesse.

Callie fez uma careta, a pensar que ia ter saudades da galeria e depois afastou a tentação de se afundar numa onda de auto-comiseração. Tinha sérios problemas financeiros. Mesmo com o cheque, o dinheiro era muito pouco e devia pagar a renda dentro de uma semana.

Pensou no que possuía para vender. Já não havia grande coisa no seu apartamento. As joias da mãe tinham sido usadas há muito tempo para saldar contas médicas. A mobília de Callie, adquirida em armazéns com desconto e feiras da ladra devia valer uma ninharia. E a velha televisão fora roubada há uns meses quando tinham assaltado o apartamento.

O facto de os ladrões não terem levado mais nada mostrava bem como o resto das suas coisas valia pouco.

Tentou analisar as suas opções. O que sabia com toda a certeza é que não queria voltar já para aquele pequeno buraco deprimente onde vivia. Não havia hipótese alguma de aí encontrar força ou coragem. O que precisava era de andar um pouco e esperar que a cabeça se desanuviasse.

Caminhando através do ar frio a pensar em oportunidades de emprego, pensou que poderia ter estudado para qualquer coisa um pouco mais lucrativa. Conservação de arte, por mais apaixonante que fosse, por melhor que fosse na matéria, não era propriamente uma carreira vulgar que desse para conseguir um bom sustento. Contabilidade, direito, medicina. Pelo menos, nessas áreas conseguia-se trabalho em quase qualquer sítio e recebia-se um bom salário.